



A diaconia profética como denúncia ao sexismo: mulheres vivendo com HIV/AIDS e as limitações ao trabalho de prevenção

Prophetic Diakonia as denunciation of sexism:
women living with HIV/AIDS and the limitation on the prevention work

Por Rogério Oliveira de Aguiar

Bacharel em Teologia (EST)

Mestrando em Teologia (EST)

Bolsista do Programa Estudos em Teologia e HIV/Aids na América Latina

roaguiar2005@yahoo.com.br

Resumo

Na década de 1980, a AIDS era uma doença que mexia com o imaginário das pessoas e com as estruturas sociais, culturais, econômicas e religiosas. Durante muito tempo, a AIDS foi compreendida como doença dos homossexuais, usuários de drogas injetáveis e profissionais do sexo. Na década seguinte, o perfil das pessoas portadoras do vírus HIV, causador da AIDS, estava mudando drasticamente. O número de mulheres infectadas pelo HIV aumentava rapidamente. Os grupos considerados de risco tecnicamente já não existiam mais. O discurso foi modificado, dando lugar às reflexões em torno dos comportamentos de risco, no qual todos e todas estão vulneráveis ao contágio pelo HIV. Nesse contexto, faz-se necessária a pergunta pela vulnerabilidade das mulheres, vítimas não apenas do HIV, mas também da violência sexista ocasionada pelo androcentrismo fortemente difundido em nossa sociedade e que impõe limitações ao trabalho de prevenção entre o público feminino. É sobre esse assunto que o presente artigo se dispõe a tratar, utilizando-se de instrumentais teóricos no campo da diaconia e da teologia feminista.

Palavras-chave

Diaconia Profética. Sexismo. Vulnerabilidade. HIV/AIDS.

Abstract

In the 1980s, AIDS was a disease that stirred the imagination of people and the social, cultural, economic and religious structures. For a long time, AIDS was understood as a disease of homosexuals, intravenous, drug users and sex workers. In the following decade the profile of people with HIV, which causes AIDS, was changing dramatically. The number of women infected with HIV raised rapidly. The groups considered at risk, technically no longer existed. The discourse was changed, leading to reflection on risk behavior, where everyone is vulnerable to infection by HIV. In this context, it is necessary to question the vulnerability of women. Victims not only of HIV, but also of gender violence caused by an androcentrism strongly widespread in our society, which also imposes limitation on the prevention work among the female audience. It is on this subject that this study sets out to address, using the theoretical frameworks in the field of diakonia and Feminist Theology.

Keywords

Prophetic Diakonia. Sexism. Vulnerability. HIV/AIDS.

A diaconia em sua dimensão profética e libertadora

Profecia é um fenômeno comum no antigo oriente, onde uma pessoa falava à sociedade como porta-voz de Deus. De maneira geral, profetas são

peças mediadoras entre Deus e os seres humanos. Entre os mais conhecidos, podemos mencionar: Isaías, Jeremias e Ezequiel. Essencialmente, a mensagem profética vem acompanhada de denúncia e anúncio. Denúncia de

uma situação de opressão e perseguição e anúncio da boa-nova e esperança de dias melhores.¹

A diaconia é profética quando a vida é ameaçada e a integridade humana encontra-se em risco. É diante dessa realidade que Deus diz: “Basta”, por meio de palavras e ações concretas.² O agente diaconal denuncia a opressão colocando-se ao lado da pessoa oprimida, escravizada e estigmatizada. Isso envolve denúncia e anúncio.

Diaconia enquanto práxis cristã é profética em sua essência. Vai ao encontro de quem sofre, busca a causa do sofrimento na tentativa de erradicá-lo. A práxis diaconal se compromete com o serviço de assistência e cuidado a quem necessita sempre em nome de Deus e motivada pela fé. Conforme a diácona Márcia Paixão,

a forma ou método de Jesus para atingir o seu objetivo de evangelizar foi o de uma teologia da margem: ele andou com pecadores, conversou com mulheres, curou, fez milagres e falou de teologia com fariseus e escribas, falou do Reino de Deus através de parábolas. Isso nada mais foi do que uma teologia da margem, pois ele cumpriu a sua tarefa indo pela margem, pelo cotidiano. Ele se aproximou das pessoas e entendeu o seu contexto. Inculturou-se.³

Seria contraditório falar em nome de quem sofre, sem conhecer o contexto no qual a pessoa está inserida, as suas angústias, anseios e necessidades. Para se falar em nome de pessoas vivendo com HIV/AIDS, é preciso ouvir, estar próximo de sua realidade de exclusão. A denúncia vem acompanhada do conhecimento prévio da situação, da necessidade de inculturação.

A diaconia em sua dimensão ecumênica

A diaconia cristã possui uma dimensão ecumênica na medida em que não enxerga barreiras denominacionais para sua ação libertadora. O amor de Deus é para toda a criação. “Pois, por meio da

fé em Cristo Jesus, todos vocês são filhos de Deus [...] Desse modo não existe diferença entre judeus e não-judeus, entre escravos e pessoas livres, entre homens e mulheres: todos vocês são um só por estarem unidos a Cristo Jesus” (Gl 3.26,28).

Quando se tratam de assuntos essenciais como a preservação da vida e a dignidade humana, as diferenças devem ser colocadas em segundo plano. A ação diaconal que vai ao encontro da pessoa empobrecida, vítima de violência doméstica, pessoa estigmatizada por ocasião da sua condição de HIV positiva, pessoa em vulnerabilidade, pessoa que sofre, essa ação diaconal não pode levantar barreiras ideológicas ou dogmáticas. “A igreja de Cristo oferece uma comunhão universal fundada na comunhão das igrejas locais. É aprazível saber que somos parte de uma família universal desde a congregação local”.⁴

A diaconia ensinada por Jesus é um chamado à responsabilidade e ao compromisso com a transformação de uma realidade de sofrimento e injustiça. A radicalidade da ação de Jesus está na coragem em transgredir, em inverter a lógica de uma cultura individualista, sexista e excludente. Através da diaconia cristã, Jesus propõe uma ressignificação de paradigmas. Ele prioriza as necessidades mais básicas das pessoas em detrimento das leis que as escravizam. Segundo o teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, nossa relação com Deus não é uma relação focada apenas no transcendente, mas também se dá na relação com o outro/a e para o outro/a. “O transcendente não são as tarefas infinitas, inatingíveis, mas é o respectivo próximo que está ao alcance. Deus em figura humana”!⁵

Gênero como categoria de análise

Na teologia feminista, são estudadas, questionadas e ressignificadas as ideologias androcêntricas e sexistas existentes na Igreja e na sociedade. A teologia feminista reconhece a

¹ REIMER, Haroldo. Profetismo. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando (Org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 814.

² NORDSTOKKE *apud* GAEDE NETO, Rodolfo. *A Diaconia de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 24.

³ PAIXÃO, Márcia. Contribuições da Diaconia. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 42, n. 1, 2002, p. 39.

⁴ BATISTA, Israel. A graça e a unidade num mundo globalizado. In: BATISTA, Israel (Org.). *Graça, cruz e esperança na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal/CLAI, 2005. p. 184.

⁵ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão*: cartas e anotações escritas na prisão. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 510.

existência de estruturas sociais que justificam e perpetuam a desigualdade entre homens e mulheres. E por isso ela tem a missão de criticar de maneira consistente essa ideologia machista predominante. Conforme Wanda Deifelt, “a teologia feminista estuda como as relações entre os sexos são construídas, perguntando, principalmente, pelo papel desempenhado pelas mulheres”.⁶

Os papéis sociais pré-estabelecidos e os comportamentos culturalmente determinados são passíveis de uma análise crítica e reativa que não admite uma hierarquia baseada, muitas vezes, em conceitos religiosos e interpretações equivocadas de textos bíblicos, nos quais a mulher é, geralmente, apresentada como frágil, dócil e submissa ao homem. Sobre isso, Saffioti afirma que

a naturalização do feminino como pertencente a uma suposta fragilidade do corpo da mulher e a naturalização da masculinidade como estando inscrita no corpo forte do homem fazem parte das tecnologias de gênero [...] que normatizam condutas de mulheres e de homens. A rigor, todavia, os corpos são gendrados, recebem um *imprint* do gênero.⁷

Sobre gênero como categoria de análise Deifelt, afirma que

é um instrumental de análise que avalia como papéis sociais atribuídos aos homens e às mulheres são construídos. Quando atribuídos à natureza a existência de certos atributos considerados inerentes a cada um dos sexos, nem sempre questionamos o dualismo que estes atributos perpetuam. Assim, as mulheres são automaticamente identificadas com valores como paixão, ternura, maternidade e tudo que remete ao mundo privado ou doméstico, ao passo que os homens são associados com lógica, raciocínio, cultura e aptidão ao mundo público ou político.⁸

Nesse sentido, a teologia feminista acredita em relações não hierárquicas entre homens e mulheres,

constituindo-se assim em uma boa-nova para mulheres e minorias sexuais que vivenciam uma experiência de opressão e domínio.

Androcentrismo e sexismo

Na concepção androcêntrica de mundo, é comum o uso do masculino para designar o todo. Como exemplo pode-se mencionar o uso da palavra “homem” para se referir a toda humanidade. O mesmo não é admitido em relação às mulheres. Nesse caso, a mulher é entendida como sendo uma fração secundária do homem. O androcentrismo faz do homem o centro, o referencial. Sobre isso lemos o seguinte:

O uso da palavra “homem” como sinônimo de ser humano somado ao não-uso da palavra “mulher” nesse mesmo propósito é androcentrismo, e este nada menos é que uma forma de reafirmar e banalizar a hegemonia masculina, a dominação de quem tem músculo e agressividade em cima do gênero feminino subjugado... Androcentrismo soma-se ao machismo, ao patriarcalismo, à misoginia e à discriminação social, econômica e política contra a mulher. Assim sendo, deve ser substituído o quanto antes, por todas e todos, por linguagem e valores que prezem pela igualdade entre mulheres e homens e façam o ser humano ser tratado e representado como aquilo que realmente é: um ser de gênero binário.⁹

O feminismo questiona essa hegemonia androcêntrica que apresenta o homem branco, cristão e ocidental como sendo o centro e renegando as mulheres e grupos étnicos e religiosos à margem. Sobre isso, Deifelt afirma que “o feminismo também questiona que a única experiência que deva ser tomada como norma é a do homem branco cristão, que se autointitula representante da humanidade”. E reforça: “em vez de ser universal, o feminismo tenta ser plural”.¹⁰

Androcentrismo e sexismo são duas faces de uma mesma moeda. O comportamento sexista tem

⁶ DEIFELT, Wanda. Gênero: uma agenda teológica comum a homens e mulheres. In: WEILER, Lucia et al. *Teologia Feminista: tecendo fios de ternura e resistência*. Porto Alegre: ESTEF, 2008.

⁷ SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004. p. 77.

⁸ DEIFELT, 2008, p. 21.

⁹ Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/androcentrismo/20510>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

¹⁰ DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola; Belo Horizonte: SOTER, 2003. p. 175.

sua razão de ser no androcentrismo. Por sexismo, podemos classificar comportamentos ideológicos que oprimem e marginalizam grupos em consequência do sexo. Através do sexismo, concretiza-se, na prática, a violência contra as mulheres. Tanto o sexismo quanto o androcentrismo, encontram-se diretamente ligados a um determinismo biológico que acentua a superioridade do homem e a submissão e fragilidade da mulher.¹¹

O discurso sexista e suas consequências para o trabalho de prevenção ao HIV/AIDS

O perfil dos portadores de HIV/AIDS no Brasil era predominantemente masculino, bom nível socioeconômico e bom nível de escolaridade. Pertenciam às categorias homossexuais ou bissexuais. Também menciono aqui as pessoas que precisavam de constantes transfusões de sangue como é o caso dos hemofílicos. Segundo o médico oncologista e escritor Drauzio Varella, esta ideia de AIDS como doença restrita a uma parcela específica da população foi prejudicial a toda sociedade porque “muitas mulheres e usuários de drogas injetáveis adquiriram a doença nessa fase, por imaginarem que não poderiam ser infectados”.¹²

Na década de 1990, constatou-se uma mudança drástica no perfil das pessoas que contraíam o vírus do HIV. Houve um aumento significativo de pessoas infectadas pelo vírus entre mulheres e homens heterossexuais, pobres e de cidades do interior. Percebe-se uma pauperização e um rápido avanço geográfico da epidemia rumo às regiões mais pobres e distantes do país.¹³ Os casos aumentam principalmente entre os indivíduos de baixa escolaridade e entre as **mulheres**. No caso das mulheres, especialmente aquelas com baixa escolaridade e em condição social desfavorável, formou-se um grupo fortemente vulnerabilizado.

Consequência de uma sociedade sexista em que o homem detém o domínio nas relações conjugais e compreende o corpo feminino como patrimônio.¹⁴ Segundo a teóloga feminista Wanda Deifelt,

a exposição das mulheres ao HIV não pode ser explicada somente pela falta de informação. A submissão das mulheres, a confiança que elas depositam em seus parceiros, a insegurança em pedir que parceiro use camisinha, a suposta disponibilidade sexual das mulheres aos homens estão entre as razões apontadas por uma análise de gênero ao crescimento da AIDS entre mulheres.¹⁵

Edla Eggert atenta para o que ela denomina de, “marcas pedagógicas e teológicas da violência de gênero”, levantando a pergunta sobre a educação que as mulheres recebem desde a infância e como essa educação funciona de forma eficaz na domesticação do feminino. Eggert refere-se a esse método como sendo uma educação sexista que faz com que as mulheres pensem de forma sexista. Sobre isso a autora diz:

Assim, torna-se explícito o processo de construção social da inferioridade. O processo correlato é o da construção social da superioridade. Da mesma forma como não há ricos sem pobres, não há superiores sem inferiores. Logo, a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina [...] São estas e outras tantas questões, repetidas no cotidiano, que configuram as mulheres como guardadoras de uma masculinidade triunfante.¹⁶

A chamada feminização do HIV não é algo aleatório. As relações que envolvem submissão das mulheres aos seus parceiros as deixam em uma situação de grande vulnerabilidade. Mulheres que são vítimas de violência doméstica por parte do

¹¹ Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$sexismo](http://www.infopedia.pt/$sexismo)>. Acesso em: 23 dez. 2011.

¹² VARELLA, Drauzio. *Coleção Doutor Drauzio Varella: Guia prático de saúde e bem-estar - Aids*. Barueri: Gold, 2009. p. 9.

¹³ Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/historia-da-aids>>. Acesso em: 03 ago. 2011.

¹⁴ Informações sobre a feminização da epidemia de HIV/AIDS e plano de enfrentamento disponíveis em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/historia-da-aids>>. Acesso em: 03 ago. 2011.

¹⁵ DEIFELT, Wanda. Gênero e Aids: o desafio das mulheres diante da pandemia do HIV. In: CNBB. *Igreja e Aids: Presença e Resposta*. Porto Alegre: Pastoral da Aids/CNBB, 2004. p. 41.

¹⁶ EGGERT, Edla. *Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*. Florianópolis: Mulheres, 2009. p. 30.

parceiro normalmente têm dificuldade em negociar métodos preventivos como o uso do preservativo. Quando realizam o exame e se descobrem HIV positivas, essas mulheres começam a levantar questionamentos sobre o seu papel como mulher, esposa, mãe e cidadã. Os valores morais instituídos pela sociedade já não são suficientes para responder a todas as perguntas.¹⁷ Conforme afirma o secretário executivo da Pastoral da AIDS, Frei José Bernardi:

Não é suficiente falar de AIDS para uma mãe que é violentada por seu parceiro, para uma mulher que não tem garantida a alimentação, para um adolescente sem perspectiva de futuro e fora da escola. A epidemia deve ser tratada dentro do contexto social de pobreza. E será atacada realmente quando estas outras questões de entorno forem consideradas e solucionadas. O que se percebe é que pessoas com auto-estima comprometida estão mais vulneráveis.¹⁸

A questão apontada por Bernardi transcende o espaço doméstico e vai além. A pauperização, associada ao sexismo e à ausência das necessidades mais básicas, constitui fator de grande vulnerabilidade para toda a população, mas de forma muito mais destrutiva para as mulheres pobres. “O rosto da AIDS hoje, no mundo, é pobre, negro e está se tornando cada vez mais feminino. O crescimento da AIDS entre as mulheres é uma das características da pandemia na atualidade”.¹⁹ Diante dessa realidade, cristãos e cristãs são chamados/as a dar testemunho da sua fé de forma concreta e responsável, através de práticas diaconais que denunciem o sexismo e reafirmem a mensagem de vida digna para todos e todas, presente na Boa-Nova do Evangelho. Isso é profecia cristã!

[Recebido em: janeiro 2012 e
aceito em: abril 2012]

¹⁷ OROZCO, Yury Puello. Mulheres, Aids e Religião. *Cadernos Católicos pelo Direito de Decidir*, São Paulo, n. 10, 2002, p. 56.

¹⁸ BERNARDI, José. *Desafios Cotidianos da Aids*. In: CNBB. *Igreja e Aids: Presença e Resposta*. Porto Alegre: Pastoral da Aids/CNBB, 2004. p. 21.

¹⁹ DEIFELT, 2004, p. 36.